

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13.3.º D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Concelheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

Eras passadas

O que são mil vidas diante
da salvação da Pátria?

AOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA

Se é bom esquecer as injúrias, é
excelente recordar o esforço heróico
dos que souberam vingá-las.

A nossa História regista em caracteres indelévels nas suas páginas, neste mês, duas datas que jamais esqueceremos. Uma negra, triste e tarjada de luto carregado, que nos relembra um inditoso sucesso, outra esplendorosa e bela que nos regosija e engrandece perante os séculos.

Uma que nos magoa intensamente e só nos provoca amarguras e uma tristeza profunda; outra que nos envaldece porque nos tornou prestigiados perante o futuro; uma que representa o túmulo de uma Pátria, amortalhada no pavilhão nacional; outra que foi a ressurreição de um povo pela audácia do mais grandioso cometimento; uma que nos entregou ao domínio estrangeiro; outra que nos salvou dele e do abismo em que estávamos prestes a submergir-nos; uma que foi o auspicioso início de uma dinastia; outra que foi o seu trágico epílogo; uma que nos tornou mártires do dever; outra que nos tornou heróis da raça; uma que foi um tremendo desastre; outra que foi uma gloriosa vitória; uma que foi escrita em caracteres de sangue; outra em caracteres de ouro do mais fino quilate.

Alcácer-Quibir, em 4 de Agosto de 1578 e Aljubarrota em 14 de Agosto de 1385!! Alcácer-Quibir foi uma necrópole de vidas, e Aljubarrota uma aurora de bênçãos; Se 1385 é um símbolo que significa os heroísmos e bravura de um povo e que foi o orgulho da lusitana grei, 1578 é uma data desoladora que relembra o fimamento de um reino. Se 1385 é um ano de evocações patrióticas, 1578 é um ano de recordações dolorosas e pungentes.

Por tanto uma data é a antítese da outra porque assim como a primeira representa um dos mais brilhantes feitos de denodo e valentia, de arrojo e intrepidez, a segunda constitui uma das páginas mais lutosas da nossa História, causadas pelo fim inglório de um rei que foi vítima da sua audácia e irreverência numa desastrosa batalha que abreviou a morte da Pátria.

O dia 14 de Agosto é uma das mais perfurantes legendas dos anais lusitanos ao passo que 4 do mesmo mês concretiza um facto que foi um dos maiores reveses por que passou a alma nacional lusiada.

Mas historiemos um pouco. A batalha de Aljubarrota deu-se quasi há 600 anos, junto do local, onde depois se edificou a notável igreja de Santa Maria da Vitória que a relembra.

As hostes castelhanas procuravam invadir Portugal espalhando que o faziam pelo Alentejo com o fim de, por um habilidoso estratagemas, as forças portuguesas ali se concentrassem, para a invasão se dar sem entraves pela noite a caminho da capital.

Porém ao novo rei D. João I, eleito nas cortes de Coimbra, bem como ao intrépido condestável não passou despercebido tal ardil, com que os castelhanos nos queriam surpreender, pois ambos pensaram logo em interceptar-lhes os intentos, concentrando forças em lugar apto para dar-lhes batalha. D. Nuno Álvares Pereira assume a chefia suprema do exército, fere-se a batalha e a nossa vitória é decisiva e retumbante.

Os portugueses, eram em número aproximado de 10.000, além de algumas centenas de arceiros ingleses e os castelhanos subiam a 34.000 ou 35.000 combatentes!!

Houve actos extraordinários acompanhados de verdadeiras heroicidades épicas, lances emotivos e repletos de bravura admirável, causados pela audácia indomável dos portugueses.

De todos os quadros da História pátria é, sem dúvida, este o mais grandioso e cheio de valor, o mais épico e um dos mais patrióticos em que se tem defendido a integridade nacional, não só pela desproporção dos muitos contra os poucos como pelo pouco tempo da duração da batalha que foi pouco mais de meia hora. A lembrança deste glorioso feito jamais se apaga da lembrança das gerações!! Será eterna.

Do coração dos portugueses nunca será arrancado o nome sagrado de Aljubarrota, pois ele será sempre uma legenda aurifluída escrita no nosso

pendão, em caracteres indelévels de beleza e de glória!!

Portugal não nasceu para ser escravo.

Foi depois desta ingente batalha, que levamos aos mais longínquos recantos do Mundo conhecido ou não, o nome desta heroica e famosa terra de destemidos guerreiros e com ele a firmeza das nossas crenças, o valor da nossa intrepidez, a coragem inaudita da nossa raça, a justiça e o direito da nossa independência. Aljubarrota!! Aljubarrota!!

Aljubarrota constitui o mais formoso quadro da epopeia portuguesa e tornou-se o início do ciclo mais brilhante da Humanidade desde o século XII até nossos dias!!

Aljubarrota é a palavra que significa a revivência de uma data memorável e é a demonstração nítida de quanto valem a bravura e valentia de um povo cónscio dos seus deveres patrióticos!!

Aljubarrota foi o epílogo heróico da máxima heroicidade.

Aljubarrota é o lugar que nos relembra façanhas, e destemidos actos de valor, onde o rubro sangue português cimentou a sagrada árvore da liberdade!!

Aljubarrota representa uma das mais brilhantes efemérides dos anais lusitanos porque foi uma proeza arriscada, sublime e heroica que muito concorreu para o prestígio desta nossa Pátria que os nossos antepassados muito amaram com fé e dedicação inextinguíveis!!

Aljubarrota, pedestal de glória e precioso sarcófago de venerandas ossadas!! Eu te saúdo e reverente me prostro de joelhos, numa fervorosa prece por quantos — prelados, fidalgos ou plebeus — neste local sacrificaram a vida em holocausto à Pátria muito amada!!

Bendita seja a memória de D. Nuno Álvares Pereira e de D. João I, o Mestre de Aviz, cujo feito de há 553 anos, constituiu uma grandiosa lição de civismo que hoje é mais preciso que nunca pôr em relevo, para estímulo das presentes gerações e educação política do povo português, que através das mais titânicas lutas, nos deu os exemplos mais belos e fecundos de nobres virtudes e raras qualidades!!

Ditosa Pátria que tais filhos tens, os quais, em uma arrancada épica de bravura, desse memorável dia, tanto enaltecem esta terra estremecida em que nascemos, cuja posse era o maior desejo dos castelhanos ambiciosos.

Salve bandeira gloriosa das Sagradas Quinas, sublime evocadora desse imorredouro cometimento que foi a prodigiosa instigadora da máxima bravura em 1385!!

Aljubarrota patenteia-se-nos como o lugar bendito da redenção da Pátria porque foi ali que se deu o sucesso mais estupendo do civismo lusitano como gerador da maior das epopeias.

Salve 14 de Agosto, data que é e será sempre memorável, pois ela nos ensina e nos demonstra a augusta consolidação da integridade deste sagrado solo que Afonso Henriques conquistou à ponta da sua triunfadora espada.

14 de Agosto de 1385 é uma data de grandeza extraordinária, e deve ser sempre um dia festivo não só pelo seu alto significado, como pela instigação decisiva a que deu origem para os novos cometimentos em que para o futuro lançou o País! Falar em Aljubarrota é recordar um acontecimento altamente histórico e vibrante de patriotismo prestígio, porque essa batalha é uma página deslumbrante da nossa História, foi um facto que marcou pela sua realização e pelas suas consequências na soberania nacional, foi um assombro de energia da raça lusitana, que o consagrou e se manifestou sem precedentes, no valor e intrepidez despendidos!!

E dentro em breve Portugal expande-se e assume as proporções de uma figura que se impõe, revestido na sua armadura de soldado, à nossa simpatia e respeito, pela sua actividade nas conquistas de além-mar e nos descobrimentos.

Os prodígios de valor sucedem-se e o denodo do soldado português manifesta-se cada vez mais arrojado através dos maiores perigos. Que o digam Seuta, Tanger, Arzila e outras conquistas do ultramar. Toda a história da Índia é uma gloriosa epopeia da qual advieram não poucos resultados surpreendentes para o campo científico, através dos descobrimentos.

Por isso é obrigação de todos nós saudar com orgulho o dia solene de 14 de Agosto, dia da comemoração festiva da mais audaciosa vitória, plenamente confiados em que um dia, se for preciso, não faltarão dedicações que honrem a Pátria e não deixarão de haver soldados, que pre-

ITINERÁRIOS

VIII

Ao Dr. Américo Durão.

(11) Jam seus lábios a invocar-lhe o nome—a reverter-lhe do coração em negra onda de pesar—esse nome... esquecido e sempre rememorado... —tristeza de amarga ironia, sombria de remorso, pungência de sacrilégio! —, que se perdesse para não mais voltar — em sua constante presença oculta —, como nunca mais tornam os sonhos dos dezoito anos — há! —esses verdadeiramente jamais, senão em espectreais recordações magoadas —, como não regressa do exílio o degredado de amor, o ausente... mas descerrou-os em soluço carpi-do, quasi ululante, de resignação e abandono, de sacrifício e de piedade: — Marcelino, Marcelino!, perdoa-me.

Todos choraram de comoção quando o novo Levita, naquela hora já tam longe como a barca perdida para além da linha do mar, deitou a bênção da sua primeira missa — e os seus olhos de menina haviam-se marejado de lágrimas, em alvo-rosa alegria esperançosa: a de o ver assim — e como ela se persignava recolhidamente, o coração a estremecer-lhe, pequenino e leve! —, abençoar o seu amor e o seu casamento... Luz de flores, luz de incenso, branda luz, clara luz, bendita luz de harmonia!

A presença da morte, ali encarnada no corpo inerte do irmão, rasgava-lhe o véu mentiroso daquele convencional segredo — sua inclinação frustrada, seu grande amor infeliz — o amor, o amor, o amor! —, sepulcro há perto de trinta e cinco anos dentro em si. E via o olhar ardente e submisso, de encanto e de duplica, o olhar namorado mas humilde, olhar de adoração e de prece — não de conquista mas de vencido em fascínio — como ele a fitava e seguia, outrora — os anos mortos que o vento leva em folhas secas! —, quando, pelas tardes, vinha em visita ao irmão, e se detinha em longas conversas...; e como sua voz se embaciava, ao dirigir-se-lhe...; o entrecortado nervoso das suas perguntas...; o querer falar-lhe e deter-se...; a ansiedade pontual com que, da janela de sua casa de vizinho, a esperava, de manhã, para lhe desejar — Bom dia! —, e, à noite, quando ela vinha cerrar a sua janela, as — Boas noites!

Coisas de nada — e todo o amor! Coisas de nada — e toda a sua vida verdadeira... afinal a vida que não vivera! Pouco antes, um mês, daquela primeira missa, entregara-lhe um caderno — era o memorial, dia a dia, do seu fervor amoroso: depois, ao Marcelino, para que ela ouvisse, anunciou a grande nova — partia para a África, donde parentes amigos o chamavam com entusiásticas certezas de fortuna. — «Mas hei-de voltar, meu caro, e só para voltar é que eu vou». Ela

sando o seu nome de portugueses, saberão cumprir o seu dever na hora devida.

Esta convicção temos porque em Portugal ainda há descendentes dos bravos de Ourique e dos leões de Aljubarrota, em cujo peito não se estiolou a mimosa flor do civismo, a ardente flama do amor da Pátria.

P.º Alberto Gonçalves.

desceu, confusa, a acompanhá-lo — e no silêncio escuro dos degraus, revelou-lhe o seu amor: que só embarçava para a merecer: e viria depressa a pedi-la em casamento: e se o esperava — pois só queria uma palavra de esperança. E sua resposta fora — Venha depressa!

Venha depressa? Que feitiçeira e mentirosa sedução, o dia de amanhã! De novo a cabeça lhe descaiu sobre o peito. Oprimia-a a luz das velas, em redor do caixão, o denso odor das flores, o morno da noite calma, o cheiro da morte, pastoso e acre, o rasto da multidão ali passada, o eter e drogaria dos remédios, a casa cheia, toda a aldeia conjunta e envolta no silêncio e na treva supersticiosa do funeral. Que-ria resar, e a oração secava-se-lhe na boca. Doiam-lhe tanto os joelhos que teve de sentar-se no chão. Os olhos arrazaram-se-lhe, e sentiu-se transportada a seus primeiros dias na vida pastoral do irmão novico, mas já professo.

E fôra melindroso e encoberto de preságios o noviciado de Marcelino na profissão sacerdotal. O primeiro contacto da cidade arrepiava-o como lufada de vento glacial. Trazia o ânimo encandecido em fé activa, e os outros colegas, como as pessoas de respeito, punham a seu juvenil ardor valeroso mofadas complacências de ironia, e sentiu o relajoamento automático do exercício puramente regulamentar — a hora da missa, a hora da ressa, a hora dos ofícios — lhe vestia a camisa de forças da força do hábito. Sua alma embebera-se de misticismo — se era padre, devia ser o Padre; sacerdote, para fazer o Sacerdócio; e se, Ministro de Cristo, para O servir e por Ele sofrer. Todas as pragmáticas de comedimento lhe repugnavam como deferentes, ou subservientes, à convenção hipócrita do transigir egoísta. A fé iluminava-o, absorvia-o como foco poderoso de atracção fascinadora, mergulhando nas trevas abissais do réprobo as contemporizações mundanas — quando a Igreja, sacudida pelas ideias novas, precisava manter-se alta e pura —, e o própria formalismo cortês de certas regras clássicas de compostura, discreção e afastamento. Dizia-se, convencido mas aflito em seu espirito perturbado, que se não ordenara para levar a vida, mas a vida sacrificara a ordenação.

Refugiou-se no silêncio acolhedor do seu quarto de trabalho. A oratória tentava-o como único dinamismo do apostolado, a que se votara — e foi então que começou a traçar o plano de seu estudo, incompleto e inédito — pois só publicou, em gazeta semanária, algumas linhas do primeiro capítulo —, sobre *Alguns traços da eloquência sagrada em Portugal* — Pequena tentativa de ensaio por um curioso humilde. Um outro noviciado! A viva reminiscência de um livro de Camilo — «*Virtudes antigas*» —, curioso e mordaz, sugeriu-lhe esse primeiro capítulo — *Dois Sermões* —, como ponto de partida do seu trabalho. Era, o primeiro, o de Frei

Miguel dos Santos, pregado nas exéquias de D. Sebastião, aos 19 de Setembro de 1578, nos Jerónimos de Belém; o segundo, o de Frei Luís da Natividade, Lente da Escritura Sagrada, Frade menor, Guardião de S. Francisco em Guimarães — *Retrato de Portugal Castelhana* —, declamado na Festa do Pelote, junto da Senhora da Oliveira, em 14 de Agosto de 1638. A sua voz ressoava ainda cavamente, dizendo aquelas passagens, tantas vezes, ao depois, por ele repetidas ao chamado dos acontecimentos: — «Chorai bandeiras de Cristo arrastadas pela areia! Chorai a honra de Portugal perdida! Chorai com lágrimas o vosso Rei, que com lágrimas pedistes, com lágrimas houvestes, com lágrimas perdestes!»; ou bramia dorida dos insultos ao Pelote, velho, pobre, roto, esfarrapado, não espesinhamento da dominação estrangeira, para se exaltar confiada; — «E ah! torne Portugal ao seu. Livrai-o vós, Virgem: cessem já os castigos passados; estas carnes secas, estes ossos quebrados... E haverá dia, em que com júbilo extraordinários veja a cara a seu Senhor... Vós, Virgem, sois a que haveis de fazer tudo, vossa há-de ser esta restauração, e renovação deste velho, e sempre vosso devoto Reino...»

(Continua.)

Eduardo d'Almeida.

J. Mota Prego de Faria MÉDICO

Doenças de crianças. Clínica Geral. Com prática nos Hospitais de Lisboa.

Consultório: R. da República (baixos da Associação Comercial).

Residência: R. de Santo António, Telefone 91 — Consultas das 11 às 13 e das 16 às 18 h:

Críticas Pequenas

No sábado 13 finava-se em Lisboa o jornalista Manuel Guimarães e no Pôrto Basílio de Vasconcelos, Professor Liceal e Director do Arquivo Distrital.

Do Jornalista logo retumbaram ao longe as tubas da Imprensa consternada.

Do Professor apagadamente noticiaram os mais esmerados Diários.

Bem oportuno foi por isso o clamor de Alfredo Pimenta na sua *Tribuna Livre*, no diário *A Voz*, de 17, onde o subtítulo *Coisas Tristes* é apropriadíssimo ao paralelo bem justo que o Crítico faz das duas personagens e do aprêço tão diverso que à Imprensa mereceram.

Há de facto um contraste bem flagrante em todos os sentidos e o Crítico dá-lhe todo o relevo. Belo serviço.

Aos variados trabalhos que Alfredo Pimenta recorda para aureolar a fronte do Professor incansável, poderia juntar-se a lembrança de que o Dr. Basílio de Vasconcelos foi um dos excelentes Colaboradores da *Revista dos Liceus* que viveu apenas o ano de 1916, mas foi uma rosa de Malherbe de subido preço.

A Lábor já conta doze anos e certamente completará o alto serviço do Crítico vimaranense.

E' a justiça que tal reclama.

Vária

0 Epaminondas

(Do Caderno de notas... incirculáveis)

Ao dr. Nuno Simões
(este esboço a lápis)

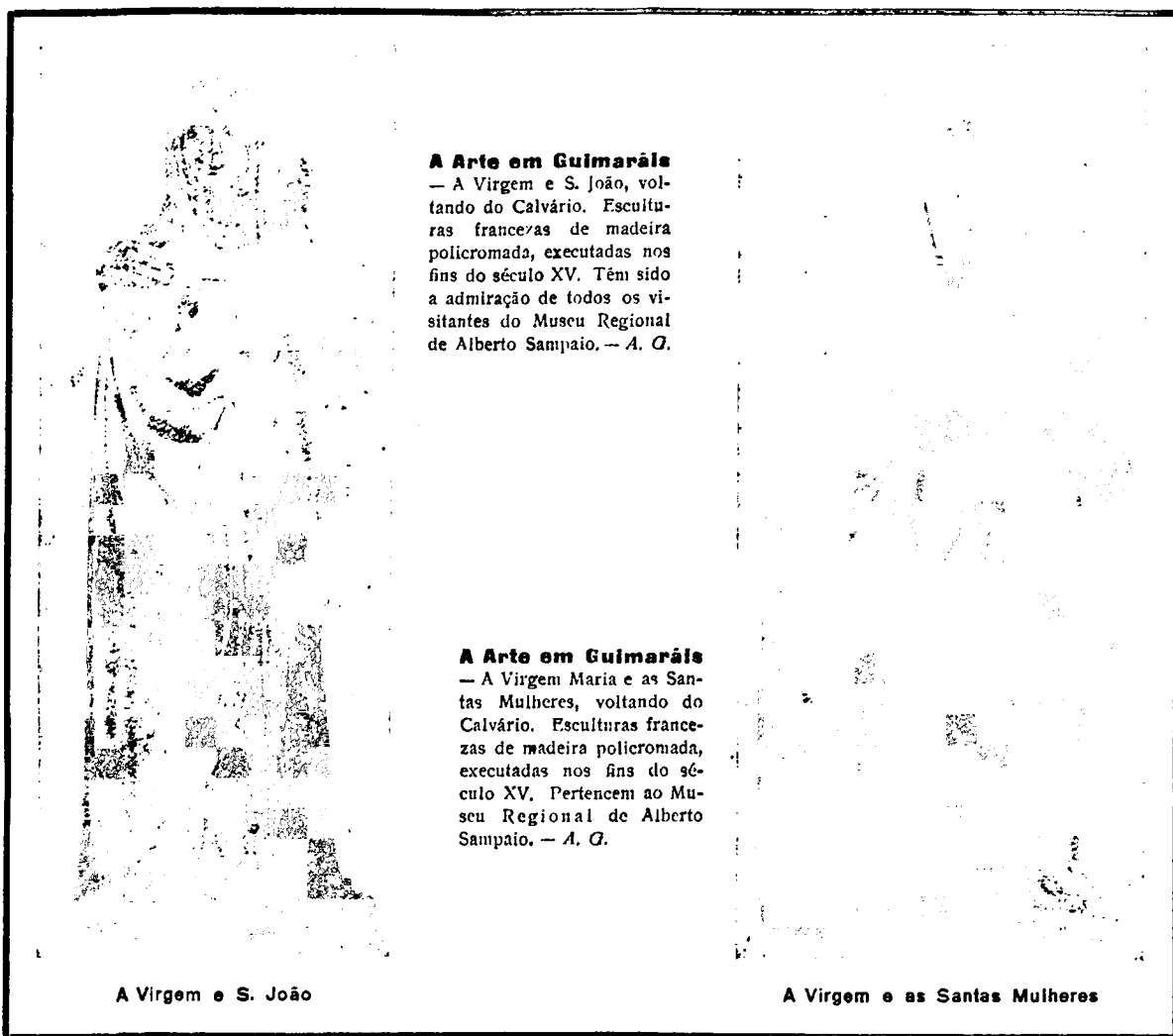
6 (Conclusão).

E era assim, com sua letra de escriba puritano, seu engenho pirra-cento e gargalheiro, sem andar aos fiéis de Deus em lamúrias de mendicante, mas com inveja e ódio dos fiéis de cartórios e de todos os musaranhas das repartições, que o Epaminondas, esguicho e funambulesco, vela de quaresma, tocho de enterro enlutado no crepe de seu velho casão amigo, seu abrigo de Diógenes vilarejo, fazia o seu trânsito do mundo. Se todas as horas regulamentares do dia que vai e dia que vem, na compassada aritmética do quadrante provinciano, do alvorecer às trindades, o encontravam e lhe decorriam no mesmo desenfadamento glacial, as mais assoladoras borrascas dos acontecimentos imprevistos não renhinhavam sequer em sua alma seca. Incendios e assassínios, terramotos e piratarías, naufrágios e guerras, o páonosso dos grossos normandos das gazetas, como os quadros mais romanceados nos acontecimentos da Vila, aliás absolutamente necessários para que ela não morresse asfixiada de monotonia, ora farfásicas como duas línguas de comadre nos exercícios do maldar, ora trágicos e suspensivos como as polés da intriga nos dramalhões dos teatros de feira, nem a curiosidade lhe mordia: — «Fizem-me apenas a impressão — dizia ele — de um automóvel de força e luxo, cheio de gente estranha e guilanhante, que passa de fugida e rompa pela estrada, enquanto, mais além, pobres mulheres ossudas e descalças, esfarrapadas e oseeas, a vergarem ao péso de cestos de pedra, e nós, os maltezes da desgraça e da fome, queimados ao sol doído, cheios de sede, cheios de calor, tontos de fadiga, vamos britando a dureza do nosso fadário: *uma nuvem de poeira que se levanta, e mais nada!*»

Mas, um dia, afinal, descobri que, neste impassível encocimento, havia ainda uma outra arte e um outro segredo: o Epaminondas tinha uma devoção, e uma devoção de amor, o Epaminondas era fiel à sulamita de Barroso, que ele conhecia, raptara e amara quando lhes alvoreciam aos dois os primeiros e os mais lindos anos da mocidade: ela, então, a mocinha que descia à Vila para vender as bicas de manteiga, os cabritos, as mantas, de pequenos seios bucidos e tésos, morena de fino lábio vermelho, e olhos negros de fogo; e ele um Epaminondas em bacharelise de sarcasmos, a trovar solitário à lua os estos fogosos do desejo. Todas as sextas-feiras da semana e da folhinha, com ou sem licença do tempo, da clientela ou da saúde — um dia, no Tribunal, sendo testemunha, foi-lhe preciso saltar pela janela; outro, estava de cama, a arder em febre —, aquela fatal hora certa, o Epaminondas lá ia visitá-la à mesma casinha de taipa, a um quarto de légua da Vila, onde a arrumara nos primeiros tempos, e ela vivia ainda, das couves e frutos da sua horta, das posturas das suas galinhas, das crias da sua porca, de esfiar as estrigas e dobar as meadas, velhinha garrida, aseada e alegre, que de homem só aquele conhecia e amara, como ele, ainda a beber-lhe a luz dos olhos, num filtro mágico de saudade, como vinho delicioso e puro, que leva das veias ao coração a luz do oiro, a quentura de um raio de sol e o perfume das flores. E o velho casão amigo não levava só o escritório ambulante, mas o produto em oferendas mui delicadas ou apetitosas desse ganha-pão, as dádivas que o Epaminondas gostava de repartir com sua velhota, a quem continuava a chamar — rapariga...

O mundo inimigo — adversário constante mas passivo — o homem inimigo — em sua egoísta luta de suicida, sempre alerta — ficavam-lhe de fora de portas. Transpostas estas, Epaminondas descaracolava-se de sucrôsta de bisonhice amarga, substituída-se-lhe nos lábios o rictus da ironia por um sorriso lambido de meia gnice, os cascaveis tintinantes da chufa azeda eram, agora, palavras cordatas e mausas, achegava ao seu peito o cadáver vivo — vivo como ele, Epaminondas, no espectro do homem que fôra —, da antiga namorada e beijava-a na testa, nos olhos, na boca. E depois riam, folgavam, contavam-se por miúdo a sua semana, em todas as andadas, com a mesma viveza e o mesmo afecto de outrora, e merendavam. Essa merenda ligeira e

G.



A Arte em Guimarães
— A Virgem e S. João, voltando do Calvário. Esculturas francesas de madeira policromada, executadas nos fins do século XV. Têm sido a admiração de todos os visitantes do Museu Regional de Alberto Sampaio. — A. G.

A Arte em Guimarães
— A Virgem Maria e as Santas Mulheres, voltando do Calvário. Esculturas francesas de madeira policromada, executadas nos fins do século XV. Pertencem ao Museu Regional de Alberto Sampaio. — A. G.

A Virgem e S. João

A Virgem e as Santas Mulheres

simples, na discreta meia luz da cozinha ou sob a rama da acácia, junto ao tanque, pelas tardes calmosas, tinham para o Epaminondas o valor de uma alta consolação espiritual. Quando, às noites de sexta, o Epaminondas vinha ao *Café da Vila* tomar a sua chícara, derreado e sumido, ainda mais fechado em si de macambuzice e solididade, luzia-lhe no olhar um sonho vago.

Arrenegos de Gregório Afonso: (1)

Arrenego dos benefícios havidos com simonia.
Arrenego da zombaria que logo dá na verdade.
Arrenego da cidade regida pelos tiranos.
Arrenego dos mui mundanos depois que já são dos trinta.
Arrenego da infanta (?) não vivendo doutro trapo.
Arrenego do mau papo de ruínas mexeriqueiros.
Arrenego dos lisongeiros e também dos mentirosos.
Arrenego dos cubicosos e dos ricos avarentos.
Arrenego de quinhentos ou de todos os judeus.
Arrenego dos sandeuses que levão as dos sesudos.
Arrenego dos cornudos dos que sabem que o são.
Arrenego do capitão que sabe pouco da guerra.
Arrenego de quem erra e jamais não se emenda.
Arrenego também da renda que é menos que o gasto.
Arrenego também do pasto em que não entra bom vinho.
Arrenego do vizinho invejoso e sandeu.
Arrenego também do meu amigo por interesse.
Arrenego se quisesse entender nem ver mil cousas.
Arrenego de quantas lousas quantas arma o diabo.
Arrenego do grande rabo sem outros alguns horrores.
Arrenego dos favores com que se pagam serviços.
Arrenego dos chouriços e comer feito sem sal.
Arrenego do oficial que muito folga com peita.
Arrenego da que se enfeita tendo o marido cego.
Arrenego também do prego que é mais brande que o pau.
Arrenego também do vau como chega à orelha. (?)
Arrenego da conselha (?) de moços pouco lidos.
Arrenego dos arruados

e do homem revoltoso.
Arrenego do porfioso que não sabe o que diz.
Arrenego da perdiz depois que passa dos dez.
Arrenego também de Fez com toda a mourisma.

(1) Continuado do n.º anterior.
(2) fingida
(3) como — quando
(4) do aconselhar, do conselho.

Velho vento da noite...
? Donde vens, melancólico pastor de ansiedades e sombras?
Ouço o teu passo trémulo e sonoro na amplidão caminhando vagaroso na minha alma, subtil, repercutindo...

Quero vagar contigo noite adentro e ouvir da tua boca merencória, ó sereno raposo solitário, a narração dos mundos que percorres de longas eras por estradas ermas.
Gilberto Amado (Bras.).

Uma daquele truculento e celebríssimo *Padre José Agostinho de Macedo*, no prólogo de um Sermão: «Saibam pois (os que lhe lançavam em rosto que roubava o Padre António Vieira, glória das letras portuguesas) que eu, que componho um sermão como o presente, não necessito de Vieira, que não tem um só discurso, onde se ache uma (*sachuma*) instrução cristã».

Errata (ao Epaminondas) — No último n.º, a frase: «Depois, basta ver por dentro para o que se passa por fora, ou só por fora se costuma ver.» — tem mais o para. E, já agora, mais este desabafo: n.º 318, onde se lê: «sempre lívido», deve ser — «eternamente lívido»; em n.º 321, onde está «da folha de parra», e onde se diz «e ao sossêgo dos murmúrios», é «ao ressonô dos murmúrios».

Uma visita à Cidade

VIII

Comentários

De entre os melhoramentos mais recentes com que tem sido beneficiada a Cidade de Guimarães, e, portanto, a respectiva população, não me passaram despercebidos os que

dizem respeito à construção da nova Praça do Mercado e à abertura da Avenida que lhe fica contigua.

Pena é, porém, que a conclusão de uma e de outra ainda demore, segundo as informações que me deram, visto que tanto a Praça como a Avenida são, de facto, dois melhoramentos importantes, cuja conclusão se impõe dentro do mais curto prazo de tempo. Em meu entender, seria para aí que se devia chamar a atenção da ex.^{ma} Câmara porque, dentro da parte da cidade antiga é isso o que se deve concluir em primeiro lugar, passando-se em seguida a proceder ao aformoseamento do malhado Largo de S. Francisco, com a abertura de uma Avenida que vá ter ao Campo da Feira, assunto a que já me referi. Depois, está a pedir misericórdia a substituição do pavimento do Largo do Toural, a sala de visitas da Cidade, assim como se torna indispensável o arranjo dos passeios. Feito isso, que é o principal para já, porque falta o saneamento, apenas deve restar, a quem de direito, a preocupação de conservar, atendendo a que se torna necessário dar impulso à iniciativa do alargamento da Cidade, o que já está em marcha, como se vê pelo número de construções que nos últimos tempos têm sido feitas na parte onde se encontra o novo edifício dos Paços do Concelho, que depois de concluído ficará a ser um dos melhores do país, conforme pessoa competente me disse ainda há bem poucos dias. A este respeito, tenho continuado a verificar que os amigos da desastrosa demolição estão em limitadíssima minoria. De resto, o edifício não é propriedade alheia: é dos vimaranenses, a

quem só pertence e para o qual foi criada uma derrama especial. Por isso, se a grande maioria da população desde que não seja coagida a pronunciar-se contrariamente, pretende que esse edifício seja concluído, porque não o há-de ser? O falecido e saudosos Padre Gaspar Roriz, fervoroso baírrista vimaranense, que mal informado escreveu um artigo condenando a construção, constatou, depois de bem ilucidado, que elaborara num erro e não hesitou em contrariar o que tinha escrito. Pois o Padre Roriz não era qualquer *trocantista*, mas sim um homem de bem e um filho querido de Guimarães. Mas, afinal, alguém dirá: O que tem o aldeão Z. da A. com o que se passa na cidade?
E' que eu também sou vimaranense!...

1938 — Agosto, 18.

Zé da Aldeia.

Gazetilha

Tantas voltas dão ao Pobre, e de tantas as maneiras, que a gente já não descobre se assim tanta volta encobre coisa bem feita, ou asneiras.

Passou por aqui a *Volta*, mais até, porque parou, e toda essa enorme escolta que na estrada corre à solta, um dia aqui descansou.

Eu fui ver os corredores fazerem sua chegada, como, também, vi senhores pingar bagas de suores, rosto mostrando maçada.

E o povo corre contente, todos querem ver chegar esse punhado de gente que, ora atrás, ora à frente, continua a pedalar.

Nas ruas, povo a girar, e as senhoras, à janela, querem também espreitar esse corredor sem par, de *camisola amarela*.

Que loucura e obsessão! Quanta cabeça sem suco! E lá vai a multidão em busca de uma ilusão... Deve andar tudo maluco.

Na sua vida simplória qualquer *trêta* sente a fundo, inda que a mais irrisória, como se essa mesma *história* trouxesse a paz para o mundo.

Camara Daó.

SE A MENINA JÁ SE JULGA SENHORA

peça ao Papá e à Mamã, como prenda de anos um anel ou uma pulseira da moda.

Diga-lhes que já tem idade para usar jóias; peça com bons modos e eles acabarão por lhe dar...

OURIVESARIA ANCORA

RUA 31 DE JANEIRO, 21 A 25

TELEFONE, 6078

P O R T O

Porém antes de prosseguir, permito-nos o seguinte pequeno parêntesis.

A contribuição imposta a Portugal por Napoleão, estando em Milão, foi de 100 milhões de francos para servir de resgate de todas as propriedades, pertencentes a particulares.

Para efectivar esta determinação de 23 de Dezembro de 1807, foi em Portugal publicado um decreto, em 1 de Fevereiro do ano seguinte, por Junot, como Governador de Paris e primeiro ajudante de Campo de S. Magestade e General em chefe do exército francês, em Portugal.

Por isso em Guimarães e seu termo foram entregues para aquêle fim as pratas das igrejas, das capelas, e das Confrarias, sendo Juiz de Fora José Freire de Andrade.

Todas as freguesias ficaram espoliadas das suas melhores alfaías. As pratas eram pesadas pelo contraste José Baptista dos Reis, recebidas depois pelo tesoureiro da Décima António José de Macedo e Cunha em cuja residência se procedia a este acto da entrega que principiou a executar-se no mês de Março, pouco mais ou menos, na presença do dito Juiz. Sobre os franceses diz um documento

Patriótica comemoração da Batalha de Aljubarrota

Conforme fôra anunciado, a expensas da Câmara Municipal, e a exemplo dos anos anteriores, realizou-se, no domingo passado, junto do Venerando templo de Santa Maria da Oliveira, desta cidade, a patriótica comemoração da Batalha de Aljubarrota, a que assistiram as autoridades locais e pessoas de representação, muitas senhoras e bastante povo.

Em lugares reservados vieram-se os srs. Capitão José Maria Pereira Leite de Magalhães Couto, Presidente da Câmara; António José Pereira de Lima, Vice-presidente e o vereador sr. José Moreira Ribeiro de Sá Melo; José Luiz de Pina, 1.º Comandante dos B. V. de Guimarães; Casimiro Martins Fernandes, representante da Mesa da V. O. T. de S. Francisco; António de Freitas Ribeiro, Ministro da V. O. T. de S. Domingos; Egídio Alves Marques, representante da Mesa da Santa Casa da Misericórdia; António Cândido de Carvalho, representante da Mesa de N. S. da Oliveira; dr. José Francisco dos Santos, Reitor do Liceu; José Pinheiro, Provedor da Irmandade dos Santos Passos; dr. Alfredo Peixoto, Julião Carneiro da Silva, Chefe dos Correios e Telégrafos; Alfredo Guimarães, Director do Museu Alberto Sampaio; Rodrigo Pimenta, Sub-Director do Arquivo Municipal; P. Gaspar Nunes, Manuel Pereira Mendes, Francisco Inácio da Cunha Guimarães, dr. João Aires de Azevedo, Director do Seminário da Costa, Manuel de Freitas, dr. Armando Faria, Eduardo Lemos Mota, representantes da Imprensa, muitas senhoras, etc.

A's 10 horas começou a solenidade com a missa campal, celebrada no Padrão de N. S. das Vitórias por Monsenhor João António Ribeiro, digno Arcipreste, acolitado pelos revs. Luiz Alves e João Lindoso. Servia de mestre de cerimónias o rev. Cônego Alberto da Silva Vasconcelos, e assistiram à missa, também, os revs. António Pires Quesado, Luiz Gonzaga da Fonseca e António Pereira.

O largo estava ornamentado com colgaduras, que pendiam de todas as sacadas, e bandeiras. Ao evangelho subiu ao púlpito, improvisado junto da porta central da igreja, o talentoso orador sacro rev. Castelo Branco, de Vila Real, que proferiu uma notável oração, deixando nos assistentes uma impressão agradável.

S. Ex.^a prendeu, por espaço de 40 minutos, a atenção do numeroso auditório, tendo-nos falado eloquentemente do amor de Deus e da Pátria, focando, por vezes, algumas das mais belas passagens da história de Portugal.

A imponente solenidade, que terminou por volta das 12 horas, foi abrilhantada pelo grupo coral do Seminário da Costa que executou, magistralmente, algumas composições adequadas.

V. Ex.^a

(129)

Só deve comprar meias na CAMISARIA MARTINS, a Casa das Meias. As meias da Casa das Meias são perfeitas e rigorosamente na Moda. Sortido completo e mais barato: CAMISARIA MARTINS — a Casa das Meias. CASA DAS MEIAS.

«Notícias de Guimarães»

O nosso ilustre Colega do Porto «Jornal de Notícias» publicou no seu número da passada terça-feira e na secção «Imprensa» a seguinte notícia, a propósito do número especial que publicamos por ocasião das festas da Cidade, o que muito agradecemos:

«Notícias de Guimarães»

Recebemos o n.º 338-g, d'este brilhante semanário vimaranense, dirigido pelo nosso prezadíssimo colega sr. Antonio Dias Pinto de Castro. E' um belo número de 12 páginas,

manuscrito, do Fundo Geral (secção dos Reservados) da Biblioteca Nacional, n.º 855 fls. 220, o seguinte:

Relação exacta dos factos mais memoráveis succedidos desde o dia dezasseis de Junho até vinte cinco do dito mez do presente anno de mil oitocentos e oito praticados pelos Vimaranenses.
«Foi no dia dezasseis que principiou a aparecer o clarão da nossa felecidade, neste dia de manhã appareceu «com o laço da Nação Monsenhor Miral e pela tarde o conego Magistral Manuel de Gósmão Machado, o doutor Antonio Clemente, felis agouro do que veio a succeder no dia de «seonto pelas cinco horas da tarde por «inspiração tanto divina como valerosa «quan lo estavam com o inimigo proximo que nos ameaçava e nós sem «armas, pouco polvora e nem hume «bala, a dita hora concorreu à Praça «de Nossa Senhora da Oliveira, Clero, «Religiosos, Nobreza e Povo, por insinuação do Corregedor da Comarca «Antonio Manuel Borges da Silva, e «correndo todos sem saber para o que, «appareceu o dito Corregedor e o Mounheir Miranda e de repente alevantarão estas vozes de vivas e aclamações ao nosso Augusto e sempre anão «Príncipe ao que corresponderão todos «e ao som de repiques entraram na

com colaboração escolhida e variada. A página principal mostra um admirável desenho do pórtico da igreja matriz a todo o tamanho e é dedicado às Festas Gualterianas de que tanto se orgulham os vimaranenses e que é a melhor demonstração anual daquella cidade — trabalhadora e próspera.
As nossas felicitações.

Também, a propósito do mesmo número, disse o nosso prezado colega «Notícias de Famalicão»:

«Notícias de Guimarães»
Para comemoração das Festas Gualterianas, publicou este nosso colega de Guimarães um excelente número especial de doze páginas.

Tanto a colaboração, como o aspecto gráfico, são dignos de elogio pela escolha dos escritos e também do material empregado.

O magnífico carvão da autoria do Mestre Pintor de Arte, sr. Abel de Vasconcelos Cardoso que ilustra a primeira página, muito honra o seu autor já sobejamente conhecido e também o excelente semanário, onde firmam os seus escritos os melhores autores vimaranenses.

Felicitemos, pois, o seu Director e todo o corpo redactorial e gráfico. Ao ilustre Colega os nossos agradecimentos.

OURIVESARIA SOUSA

— DE —

Sousa & Coelho

A casa mais especializada em jóias género antigo e a que maior sortido apresenta, tendo sempre as últimas novidades por ter oficinas próprias.

(127)

Confrontem os preços desta casa.

Peregrinação ao Santuário de S. Torcato

S. Torcato, 15 — Vinda do Santuário de Nossa Senhora da Abadia (Bouro — Amares) e presidida pelo rev. sr. P.^o António Vieira Lopes, esteve aqui hoje uma peregrinação do Porto.

Este corpo de peregrinos foi à Abadia orar à Virgem Santíssima e fazer, ao mesmo tempo, a oferta de uma preciosa imagem de Nossa Senhora da Fátima ao seu Venerando Mosteiro. O sermão da oferta, ao qual assistiram Suas Ex.^{as} Reverendíssimas os Senhores Arcebispo Primaz e Bispo de Arena, foi pregado pelo rev. Vieira Lopes, director da peregrinação.

Aqui todos os peregrinos ficaram maravilhados com a beleza artística do nasso templo e com o monumental Relicário do Corpo do nosso S. Torcato e confessaram levar de tudo o que observaram as melhores impressões, resolvidos a voltar com nova peregrinação.

ADÃO

Camisas ADÃO. As melhores. Corte por escala. Perfeito acabamento. Padrões exclusivos.

Só na

(130)

LOJA DAS CAMISAS (junto ao Café Oriental) e na CAMISARIA MARTINS.

CAMISAS ADÃO

Exumações DO PASSADO

(Quadros sinópticos da História Vimaranense)

A atitude patriótica dos vimaranenses perante os Franceses

Guimarães, como de resto Portugal inteiro, sofreu horas amargas, com a permanência dos franceses dentro do seu território.

As despesas por eles exigidas com o aboletamento das tropas veio sobrecarregar demasiadamente os cofres municipais, os successivos roubos cometidos nas igrejas em alfaias, vários objectos do culto e ornamentos, os vandalismos praticados em algumas propriedades particulares, como na quinta da Arrachela, as extorções violentas de pratas e vasos sagrados da antiquíssima e real colegiada em uma quantidade computada em 318 quilos, tudo isto representa a série de benefícios que esses nossos amigos vieram trazer aos vimaranenses; tudo representa outras tantas

proezas por eles cometidas e que tanto os prestigiaram.

Só o Cabido foi compelido a concorrer para despesas gerais com a *moédica* quantia de 5.761.468 reis. E' certo que a edilidade vimaranense resistiu ainda algum tempo aos desejos dos invasores, não lhes acatando logo as ordens, mas decorridos 40 dias não houve outro remédio se não obedecer às imposições dessas indisciplinadas hordas napoleónicas.

A Câmara reuniu então, obrigada pelas forças das circunstâncias, e prestou aquiescência ao novo estado de coisas, como se com elas estivesse identificada. Não obstante, as prepotências e as represálias dos intrusos não tiveram conta, foram muitas, nada escapando às suas arbitrariedades e violências. As ordens religiosas suportavam inúmeras afrontas e desacatos vandálicos e até repugnantes.

As casas nobres também não foram poupadas às exigências e roubos. A vila teve que fornecer cavalos, muare e diuheiro, cujo montante subiu a mais de 20 contos, dando o Cabido, por sua parte, mais 2, além daquela quantia avultada a que já nos referimos, por a julgarem insuficiente. Portanto, como é evidente, este estado anómalo, má situação criada pelas extorções de tais

senhores não podia continuar por muito tempo tanto nesta cidade como em todo o Portugal, onde se cometeram bárbaros assassinios, chacinas e rapinagens. As prepotências do estrangeiro usurpador feitas com o dito fim reclamavam uma *revanche* enérgica e decidida.

Era preciso varrê-los ou bani-los quanto antes do nosso território. Foi o que aconteceu dentro em pouco, em 18 de Junho de 1808, dia inesquecível, que ficou para sempre gravado em caracteres diamantinos, para perdurar através dos séculos, nos fastos gloriosos da história vimaranense, data em que todos, nobres e plebeus, ricos e pobres trabalharam, pela dignidade da sua terra, por essa linda terra que lhes fôra bérço, pela santa causa da sua independência, e em cuja defesa se mostraram audaciosos, destemidos e arrojados. Foi, na verdade, um movimento patriótico, grandioso e cheio de dedicação sincera que dentro em pouco se alastrou por todo o Minho.

A Câmara reuniu estabelecendo as bases dessa desassombrada defesa.

Mas primeiramente realiza-se uma pomposa procissão a N. S. da Oliveira em que toma parte toda a população e inicia-se o movimento da expulsão dos franceses.

P.^o Alberto Gonçalves.

da cidade

Vida Católica

Padroeira da Cidade — Festejou-se na segunda-feira, no templo de N. S. da Oliveira a Padroeira da Cidade. Houve missa cantada, de manhã, e à tarde sermão pelo rev. António Quesado, coadjutor daquela freguesia e bênção do SS. Sacramento. Simples, muito simples foi, pois, este ano, a festa da Padroeira da Cidade.

Grande Peregrinação anual à Penha — Como já noticiamos, realiza-se no dia 11 de Setembro próximo, com a maior imponente possível, a Peregrinação anual à Virgem de Lourdes da Penha, em que devem tomar parte algumas centenas de associações religiosas não só desta Cidade e de todo o concelho mas, também, dos concelhos vizinhos, de Braga, Famalicão, Santo Tirso, Fafe, Felgueiras e Póvoa de Lanhoso, e ainda do Porto e outras localidades.

Ao imponente cortejo religioso deve presidir um Ilustre Prelado.

N. S. da Guia — Principia no próximo dia 30, pelas 10 horas, a novena que precede a festividade em honra de Nossa Senhora da Guia a qual terá lugar no dia 8 de Setembro, com o programa que oportunamente publicaremos.

S. Sebastião — Na freguesia de Serzedelo, realiza-se no dia 4 de Setembro próximo, uma luzida festividade em honra de S. Sebastião, havendo missa cantada e sermão por um reputado orador, procissão e arraial abalhoantado por uma banda de música.

Primeira Comunhão — Na capelinha de N. Senhora da Lapinha, na freguesia de Calvos, fez a sua primeira comunhão na passada quarta-feira, a menina Maria Jaelina Monteiro Dias de Castro, filha do nosso amigo sr. Dr. Mário Dias de Castro e de sua esposa, tendo sido celebrante o ilustrado sacerdote rev. Luiz Gonzaga Leite.

S. Torcato

Por absoluta falta de espaço não nos é possível publicar ainda neste número uma carta que recebemos do sr. Manuel da Silva Leite, de S. Torcato, acerca de um assunto que foi tratado nas colunas deste jornal.

Concerto no Jardim

Sob a direcção do distinto Maestro sr. Capitão Joaquim Jacinto Figueiras, a banda dos B. V. de Guimarães realizou, na segunda-feira, um concerto no Jardim Público, com o mesmo programa do concerto realizado no mesmo recinto no dia 8 do corrente, por ocasião das Festas da Cidade. Este concerto realizou-se a pedido de várias pessoas e decorreu com muito brilho, tendo sido elevada a concorrência de pessoas ao mesmo recinto.

Excursões

Os «Herministas», da Vila de Ceia — Visitou-nos na passada sexta-feira uma excursão da Vila de Ceia, composta pelos componentes deste grupo excursionista que, em passeio anual, tem andado por várias terras do Paiz. Daqui seguiram para Braga, Barcelos, Viana do Castelo, Espinho, Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Porto, Granja, Espinho, Ovar, Estarreja, Aveiro (Costa Nova), Vagos, Mira, Cantanhede, Montemor, Figueira da Foz, Coimbra, Ceia.

Acompanhava a referida excursão o nosso camarada de «A Voz da Serra», de Ceia, sr. Luís Ferreira Matias, que nos deu a honra da sua visita.

Presidente da Câmara

Entrou em gozo de 30 dias de licença o ilustre Presidente da Câmara sr. Capitão José Maria de Magalhães e Couto, que durante a sua ausência será substituído pelo vice-presidente sr. António José Pereira de Lima.

Ocorrências

Joana Pereira e Maria das Dóres Pereira, solteiras, operarias fabris, moradoras no lugar do Souto dos Mortos, freguesia de Creixomil, deste concelho, filhas de José Joaquim Pereira, proprietário e industrial, morador no mesmo lugar e freguesia, esperaram Rita Maria, solteira, tam-

bém operária fabril, com o fim de a agredirem. No mesmo momento appareceu, acidentalmente, Maria de Magalhães, casada, doméstica, moradora no lugar do Miradouro, da referida freguesia, que tentou apartá-las. Pouco depois surgiu o pai das duas primeiras que, puxando de uma navalha, agrediu a Maria da Conceição que, por ter ficado ferida, foi conduzida ao Hospital da Misericórdia pelo regedor da freguesia sr. Joaquim Monteiro que compareceu no local, ao ter conhecimento da desordem.

— Na recta de Toriz, José de Abreu, o «Frinchas», de 37 anos, negociante de lenha, quando seguia montado numa bicicleta, em consequência da máquina ter resvalado, caiu desastrosamente, e ficou muito ferido por todo o corpo. O José de Abreu foi conduzido ao Hospital da Misericórdia, onde recebeu curativo.

— José Mendes, casado, de 33 anos, jornalista, do lugar das Latas e seu irmão Luís Mendes, jornalista, do lugar dos Molinhos Novos, freguesia de Calvos, agrediram seu pai, Adelino da Silva, lavrador-caseiro, de 55 anos, morador no lugar da Cruz, freguesia de Gémeos, chegando a lançar as mãos à garganta do velho, com o propósito de o estrangular. Aos gritos da vítima acudiram várias pessoas, que impediram os facinorosos de consumar o crime.

A policia tomou conta do caso.

A propósito das últimas Corridas de Touros

Publicamos a seguir a carta que o conhecido Artista Tauromáquico sr. José Casimiro Júnior, dirigiu há dias ao nosso prezado amigo sr. Almério Ferra:

Meu Ex.º Amigo: Com os meus melhores cumprimentos, venho agradecer-lhe muito os cuidados que teve com os meus cavalos e a bela cocheira em que ficaram instalados, confessando-lhe que em nenhuma outra parte têm ficado melhor.

Muito agradecido portanto, por todos os seus favores, e peço-lhe que disponha incondicionalmente do

amigo muito grato

(a) José Casimiro da Silva.

Dia do Bombeiro

Comemorando o «Dia do Bombeiro», a corporação dos B. V. de Guimarães, embandeirou e iluminou na quinta-feira o seu quartel, que esteve durante o dia em exposição e houve várias demonstrações de regosijo: música, fôgo, etc.

Festividade e Romaria

No dia 4 de Setembro, deve realizar-se com o costumado brilhantismo no pitoresco Monte do mesmo nome a Festividade e Romaria de Santo Antonio, que costuma ser muito concorrida.

O Duplo Centenário e a Cidade de Guimarães

Esteve nesta Cidade o engenheiro dr. Jorge Moreira, da Secção de Construções da Junta Autónoma das Estradas, que conferenciou com o sr. Presidente da Câmara, acerca de várias obras a fazer por ocasião das Festas do Duplo Centenário da Fundação e Restauração de Portugal.

Uma Garrafeira

E' possível que se realize no dia 4 de Setembro próximo, na nossa Praça de Touros, uma sensacional garrafeira em que devem tomar parte diversas pessoas desta Cidade e de outras localidades próximas.

Feiras & Romarias

Santo Ovidio, em Fafe — Realiza-se hoje na linda Vila de Fafe a tradicional Romaria de Santo Ovidio que constará do seguinte programa: solenidade religiosa, com missa solene a grande instrumental e sermão; concerto pela reputada Banda dos B. V. de Fafe (Golães) e outros divertimentos.

A Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte estabelece um serviço de comboios a preços reduzidos, mandando fazer paragem dos mesmos, por conveniência do público, na passagem de nível da Vila, a dois minutos do local da Romaria.

Luciano Moreira

Esteve há dias na nossa redacção o distinto Artista Tauromáquico sr.

Luciano Moreira, que veio apresentar-nos os seus cumprimentos e agradecer ao «Notícias de Guimarães» o noticiário feito à volta das sensacionais corridas de touros, levadas a efeito por ocasião das grandiosas Festas Gualterianas.

Sociedade Columbófila de Guimarães

Esta Sociedade reúne em Assembleia Geral na sua sede no próximo dia 26 do corrente, pelas 20 horas, para prestação de contas e eleição dos corpos gerentes para o próximo ano.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Fernando Alberto de Almeida Carneiro

Aos estragos de uma pertinaz doença e na pujança da vida, pois contava 26 anos de idade apenas, finou-se, há dias, o sr. Fernando Alberto de Almeida Carneiro, filho extremoso do sr. Dr. Alberto da Silva Carneiro e de sua esposa, casado com a sr.ª D. Maria Zulmira Lopes Pimenta Carneiro, neto do sr. António Augusto da Silva Carneiro, irmão dos srs. Dr. Porfírio, António e Abílio de Almeida Carneiro genro do sr. Rodrigo Lopes Pimenta, e sobrinho dos srs. Dr. António Augusto da Silva Carneiro Júnior, Meretíssimo Juiz de Direito, Dr. João de Almeida, distinto clínico vimaranense, Fernando António de Almeida e da esposa do sr. Porfírio Mendes Ribeiro, e sobrinho afim do sr. Manuel A. Pereira Duarte.

O extinto era muito estimado no nosso meio, motivo porque a sua morte, embora já infelizmente esperada, causou muita consternação.

O funeral do indito mancebo realizou-se na quinta-feira no templo da Misericórdia, assistindo aos actos fúnebres, além da família dorida, muitas pessoas das suas relações e das do extinto, legionários, instituições de beneficência, etc.

A urna que encerrava os restos mortais do extinto, via-se coberta por muitos bouquets e ramos de flores naturais, com sentidas dedicatórias.

Após a missa do corpo presente e os officios de sepultura a que presidiu o rev. Gaspar Nunes, foi a urna conduzida por legionários até ao carro funerário, organizando-se em seguida um extenso cortejo em que tomaram parte muitos automóveis. O cadáver ficou inhumado em jazigo de família no Cemitério de Atouguia.

A toda a família enlutada apresentamos as nossas condolências.

Dr. Manuel de Freitas Bravo de Faria

Na sua casa em Vizela e após dolorosos sofrimentos, finou-se na passada quarta-feira o sr. Dr. Manuel de Freitas Bravo de Faria, filho do saudoso médico vizelense sr. Dr. Arminho de Freitas Faria, antigo Governador Civil de Braga, e da sr.ª D. Cremilda Bravo de Faria.

O extinto, que no meio vimaranense conquistou muitas amizades e simpatias, mereceu do seu excelente carácter e dotes de inteligência, desempenhava há alguns anos o lugar de notário desta Comarca, que serviu com muito zelo e competência.

A sua morte foi muito sentida. Ao seu funeral, que constituiu uma significativa manifestação de saudades e que se efectuou na quinta-feira, à tarde, naquela vila, foram assistir muitas pessoas desta Cidade, médicos, advogados, officiais do exército, proprietários, capitalistas, etc., que deste modo foram prestar homenagem ao saudoso morto.

A toda a família enlutada apresentamos as nossas condolências.

Dr. Alvaro de Paiva de Faria Leite Brandão

No Porto, finou-se há dias, o sr. Dr. Alvaro de Paiva de Faria Leite Brandão, Secretário Geral aposentado do Tribunal da Relação do Porto e pessoa altamente cotada naquela Cidade. Era natural de Braga.

Foi apreciado cultor da poesia, ficando memorável o poema que escreveu por ocasião do 3.º Centenário de Camões, em 1880, recitado perante El-Rei D. Luís e a Rainha D. Maria Pia. Possuía o Fôro de Moço Fidalgo da Casa Real com Exercício no Paço e a Comenda da Ordem de S. Tiago.

O extinto era tio do nosso querido amigo e Ilustre Conterráneo, sr.

Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão, a quem o «Notícias de Guimarães» apresenta os seus cumprimentos de condolências.

Aniversário lutooso

Comemorando se na próxima quinta-feira, dia 25, o 1.º aniversário do falecimento do saudoso vimaranense sr. P.º Francisco de Assis Pinto dos Santos, o seu particular amigo sr. Francisco Correia Lopes, manda celebrar nesse dia, pelas 8 horas, uma missa na Basílica de S. Pedro.

Em avançada idade finou-se, no lugar da Moura, freguesia de S. Jorge de Selho, o sr. António da Costa, comerciante local.

A família enlutada apresentamos condolências.

Boletim Elegante

Casamento

No Santuário Eucarístico da Penha, realizou-se no sábado, dia 13 do corrente, o casamento do nosso prezado amigo, sr. António Luiz de Bastos Pina, activo e inteligente funcionário da Repartição Técnica da Câmara Municipal, filho do nosso querido amigo e distinto professor do Liceu e 1.º comandante dos B. V. de Guimarães, sr. José Luiz de Pina, com a sr.ª D. Maria da Conceição Peixoto Bourbon da Cunha e Castro, gentil filha da sr.ª D. Maria de Lourdes Peixoto de Sampaio Bourbon e do sr. Augusto Mendes da Cunha e Castro, já falecido.

Aos noivos, que são possuidores de excelentes qualidades, desejamos «Notícias de Guimarães» as maiores felicidades.

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 14, o interessante menino José Manuel Moniz Lima, filho do nosso querido amigo, sr. António de Sousa Lima; no dia 20, o nosso amigo, sr. Martinho Gonçalves de Moura; no dia 19, o distinto official do exército, sr. João de Paiva de Faria Leite Brandão; no dia 22, o sr. Dr. Manuel Bernardino de Araújo Abreu, ilustre Conservador do Registo Civil; no dia 24, o sr. José Bernardino de Araújo Abreu e o sr. capitão Luiz Augusto de Pina; no dia 26, o sr. Francisco Lopes de Matos Chaves; no dia 19, também fez anos, a sr.ª D. Teresa de Sousa Guise Pinheiro.

A todos, apresentamos os nossos cumprimentos

Partidas e chegadas

Com sua família encontra-se a veranejar, nas Caldas das Taipas, o nosso bom amigo, sr. José Jacinto Júnior.

Encontra-se nas mesmas Termas a família do nosso bom amigo, sr. Francisco Ribeiro de Castro.

Partiu para Santa Eulália (Leste), onde é pároco, o nosso bom amigo, sr. P.º António Pereira.

Partiu para as Pedras Salgadas, o nosso bom amigo, sr. João Pereira dos Santos, recentemente chegado de Lourenço Marques.

Com sua família encontra-se a veranejar, em Vila do Conde, o nosso prezado amigo, sr. dr. Augusto Ferreira da Cunha.

Estere em Guimarães, no passado domingo, o grande orador sacro, rev. Leonardo de Castro.

Partiu para o Casino do Monte Estoril, onde realiza esta semana as suas lições de Arte, para o Curso de Férias, promovido pela Faculdade de Letras de Lisboa, o eminente professor e Critico de Arte, sr. dr. Aarão de Lacerda.

Regressou à sua casa de Paçô-Vieira, o nosso prezado amigo, sr. coronel Alcino da Costa Machado.

Partiu para a Póvoa de Varzim a família do nosso prezado amigo, sr. João Mendes Fernandes.

Encontra-se nas suas propriedades de Briteiros, o sr. tenente coronel Francisco Martins Ferreira.

Encontra-se nesta cidade, a sr.ª D. Luciana Freitas, viúva do nosso saudoso amigo e vimaranense, sr. Fernando da Costa Freitas.

Estere em Guimarães, o distinto Escriitor, sr. dr. Júlio Dantas.

Regressou de Lisboa, o nosso prezado amigo e conceituado industrial, sr. Antero Henriques da Silva.

Partiu para o Gerez a família do nosso bom amigo, sr. António José Pereira de Lima.

Encontra-se em Gonça, com sua família, o nosso bom amigo, sr. João A. da Silva Guimarães.

prazer espiritual que me causou o facto da homeagem, que o Aero-Club de Braga quis prestar à minha terra de Guimarães, baptizando um avião com o seu nome, o que para mim é um peñhor segurissimo, e op'rtunissimo, das boas relações que devem existir, e existem realmente, entre as duas cidades, que nada tendo a inj'jar uma à outra, porque, ambas grandes pelas nobres e ancestrais qualidades de seus filhos e pelo anseio das novas realizações que o presente lhes impõe — só têm a lucrar caminhando irmanuadas no mesmo pensamento de se engrandecerem num esforço perseverante de darem o seu contributo para um Portugal novo e ainda maior.

Porisso eu me felicito vendo-me associado a esta festa tam bela nos seus intuitos, pois é como um abraço a fundir num só os corações de duas cidades amigas, e ao mesmo tempo nos faz lembrar uma das mais emocionantes facetas da nossa incomparável História pátria, quando os nossos navegantes, em anseios de dar novos mundos a Portugal para nêles difundirem a fé de

MISSA NOVA

Caldas das Taipas, 28 de Julho

Esteve em festa, no pretérito domingo a freguesia de S. Martinho de Sande.

Eram 11 horas menos 15.

A estrada que conduz da igreja para o lugar das Pontes encontrava-se belamente engalanada, numa extensão de mil metros, aproximadamente, até à Casa da Botica.

A igreja ostentava ricas decorações. Nas proximidades e largos fronte-



riços estacionam centenaes de pessoas de todas as categorias sociais.

Os organismos da Cruzada Eucarística e da Acção Católica devidamente uniformizados, estão postados em forma, com os seus estandartes.

Ao já grande aglomerado de povo que ali se encontra muitas outras pessoas se lhe vão juntando, convergindo de todos os pontos.

Nota-se uma certa satisfação e uma certa anciadez também, e todo aquêl conjunto tem o aspecto das grandes solenidades, o cunho dos acontecimentos sensacionais.

Aquêl povo esperava impacientemente...

Momentos depois apparecia ao longe, aproximando-se acompanhado de sua família o nòvel sacerdote P.º José de Sousa Marques que é coberto de flores pela J. O. C. daquela freguesia, enquanto o fôgo estrealha no espaço.

Há momentos de entusiasmo, sendo levantados muitos vivas ao sacerdotio católico, o que comove visivelmente o povo levita que a custo contém as lágrimas.

Uma vez na igreja ora por algum tempo diante do Santissimo Sacramento.

Passados uns minutos dá entrada na igreja solenemente pela porta principal acompanhado pelos Rev.ºs P.ºs José Carlos Carneiro, Manuel Luis da Silva e pelo meu digno abade da freguesia Rev. P.º António Francisco Ribeiro, devidamente paramentados, dirigindo-se ao Altar-Mór onde ia celebrar a sua primeira missa.

No côro é cantado o «Veni Creator» por alunos do Seminário Conciliar de Braga, sob a direcção do seu condiscipulo P.º Benjamino de Oliveira Salgado, após o que começa o Santo Sacrifício a que todos com o maior respeito assistem, não obstante o calor quasi insuportável que dentro do espaço templo se sentia.

Terminada a missa subiu ao púlpito o Rev. P.º José Dias, da Póvoa de Lanhoso, distinto orador sagrado que proferiu um brilhante discurso, divagando sobre a missão do padre no meio da sociedade, afirmando que a vida do padre é cheia de ingratidões e sacrificios e exortando o seu novo colega a que tenha coragem para arrostar com todas as dificuldades, e seja um obreiro incansável da Vinha do Senhor.

Depois da cerimónia do beija-mão foi o novo sacerdote acompanhado por muitos colegas e convidados a a casa de seu tio e nosso prezado amigo sr. Domingos de Freitas, aonde lhes foi oferecido um lauto almoço que decorreu no meio da maior satisfação e alegria.

Entre os 78 convivas brindaram pela saúde e prosperidades do novo presbitero os ex.ºs sr.ªs P.ºs António Francisco Ribeiro, professor João Rodrigues Marques, Fernando Lindoso,

Cristo. antes de partirem, buscavam nas bênções da Liturgia Católica um augúrio, mais do que isso, um penhor seguro de bom successo nas suas arriscadas emprezas.

E' também para mim um dúplo motivo de satisfação o ver que o Aero-Club de Braga quis unir à sua homeagem tam simpática prestada à cidade de Guimarães as bênções de Deus, o que não deixará também de lhe trazer dias de glória e de triunfo; outro não é, nem pólia ser, o significado, o fim desta cerimónia litúrgica, em que me é dado o gôsto de intervir com o ministro do Senhor. Tudo o que no mundo se pode chamar força, poder, coragem, génio, heroísmo, está aqui reunido nesta hora de inefável prazer patriótico para manifestar a sua fé no poder de Deus e bendizer a sua Omnipotência.

Esta bênção é como uma adoração solene com a qual todos os aqui presentes confessamos que é Deus, e só Ele o autor da vida, do movimento, do ser, enfim, de todas as maravilhas que o homem pela soberania da sua inte-

professor Joaquim Godinho, e os Rev.ºs P.ºs Manuel Araújo Abreu Carneiro, Manuel Martins, Francisco Fernandes Salazar, Francisco Marques, Manuel Dias Salgado, Armando Vieira Gonçalves, Joaquim António Alves, José Carlos Carneiro, Francisco Xavier de Almeida Barreto, Manuel L. da Silva Azevedo e por último o novo sacerdote que muito comovido a todos agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas e a seu tio sr. Domingos de Freitas o sacrificio que como pai fizera durante os seus estudos e sem a protecção do qual não poderia fazer a sua carreira.

Assim termina a grande festa que a todos deixou inolvidável recordação.

C. C.

do concelho

Pevidém, 18 — Realiza-se em Setembro próximo, nesta localidade, uma importante prova ciclista «Ciclo do Ave» organizada pelo Club Recreativo do Pevidém, com o seguinte itinerário: Pevidém, Carreira, Ronfe, Joane, Vila Nova de Famalicão, Trofa, Santo Tirso, Guimarães e Pevidém.

Esta prova é disputada por Corredores Amadores Juniores, para os quais se encontra aberta a inscrição. Atendendo ao magnifico estado em que se encontra o percurso e aos valiosos prémios que se disputam, espera-se a comparência dos melhores ciclistas do Norte para a referida prova, pelo que a Comissão Organizadora está trabalhando com afincos para que nada falte a esta importante prova desportiva.

Quando tomava banho, num pòço, morreu afogado Joaquim de Sousa, de 14 anos, filho de Joaquim de Sousa e de Emilia Cabouca, de S. Jorge de Selho.

De visita a sua família esteve nesta localidade o sr. Francisco Garcia, há muito residente em Lisboa.

Também, de visita a seu irmão José Silvério Ferreira Pinto, esteve entre nós o sr. Alberto Silvério Ferreira.

Passou, no dia 15, o aniversário do menino Alfredo Alves, filho do sr. José Alves.

Passou ontem o aniversário natalício da ex.ª sr.ª D. Maria Emilia Marques Rodrigues, gentil filha do nosso amigo sr. Agostinho Rodrigues Guimarães e da ex.ª sr.ª D. Maria da Glória Marques Rodrigues. Os nossos parabéns.

S. Torcato, 19 — Encontra-se na sua aprazível vivenda do Mosteiro, acompanhada de sua cunhada e filhinhos, a sr.ª D. Ana Machado, dessa cidade.

Para a Póvoa de Varzim partiu, há dias, a sr.ª D. Virginia da Natividade Mendes de Freitas, da Casa do Quintal.

O Grupo Excursionista «Os Telhudos», desta localidade, realizou nos dias 14 e 15 o seu primeiro passeio anual, com o seguinte itinerário: Partida de S. Torcato às 10 horas para a Póvoa de Lanhoso, S. Bento, Gerez, Abadia, Braga, N. S. do Alívio, Ponte do Lima, Viana do Castelo, Ponte da Barca, Espozende, Barcelos, Póvoa de Varzim, Pórtio, Famalicão, Guimarães, chegando a esta localidade às 23 horas do dia 15 no meio da maior animação.

Continua a ser muito visitada por grande número de excursionistas esta formosa estância de S. Torcato, que dista apenas 6 quilómetros da cidade de Guimarães. — C.

Escola de árbitros

Leva-se ao conhecimento dos interessados que está aberta a inscrição para aqueles que desejem frequentar a Escola de Arbitros, que funcionará numa das salas da sede do Vitória Sport Club.

A inscrição far-se-há na Casa das Gravatas, de Dias & Carvalho até ao dia 27 do corrente.

A escola será dirigida por António Neves e João Passos.

ligência, do mesmo Deus também recebida, realiza em todos os sectores da sua actividade, quer perfurando as entranhas da terra, quer sulcando os mares, quer voando nos ares, que até aqui eram domínio exclusivo das aves, que embelezavam com a riquíssima variedade das suas cores e enchiam de harmonias com os seus melodiosos cantares.

E até a aviação portuguesa, rivalizando com elas, veio encher de harmonia o conjunto da nossa querida Pátria, sempre tam crente, collocando-se confiadamente sob a protecção da Nossa Senhora do Ar.

Parabéns, pois, à Ex.ª Direcção do Aero-Club de Braga, que tam galhardamente proceeu nesta emergência da sua actividade; parabéns a Guimarães, que no baptismo do seu avião vê prestigiado o seu nome multi-secular, e parabéns também ao Estado Novo, que pela orientação, dada à administração pública, tornou possíveis estas realizações. Tenho dito...

Do «Carreio do Minho».

BRAGA E GUIMARÃIS

Oração de Mons. João Ribeiro

no acto do baptismo do avião «Cidade de Guimarães».

«O rev. Arcipreste de Guimarães, Mons. João Ribeiro, pronunciou, ao baptizar o novo avião do Aero-Club de Braga — que ficou a chamar-se «Cidade de Guimarães», — um burilado discurso que a falta de espaço não nos deixou publicar na devida oportunidade.

Como se trata, porém, duma produção que o tempo não gastou nem diminuiu, inserimo-la hoje nas nossas colunas, com muito prazer.

São poucas palavras, quentes ainda da emoção que as ditou, porque foram

escrias pouco antes de vir para aqui. Inspru-as, em primeiro lugar, o dever de tornar público o meu agradecimento à Ex.ª Direcção do Aero-Club de Braga pela honra que me quis dispensar, convidando-me para benzer o Avião-Guimarães — honra que eu quero devolver intacta à cidade de Guimarães, de quem me considero cidadão e a quem, de alma e coração tenho consagrado a minha vida de padre, não vivendo senão para ela; à cidade de Guimarães que, através das idades tem sabido manter-se fiel às gloriosas tradições do passado; à cidade de Guimarães que, à nobreza dos seus pergaminhos de antanho tem aliado os braços não menos gloriosos dum trabalho inteligente, impondo-se ao meio nacional pelo bem acabado dos seus artefactos e produtos industriais; — honra também que eu affectuosamente acolho e sumamente aprecio, porque parte da Braga, a formosa princesa do Minho, enflorada com os nobres pergaminhos que com justiça lhe mereceram o glorioso título de Roma Portuguesa; desta Braga que desde jovem me habituei

a estimar, porque aqui, pelos estudos feitos no Liceu e Seminário, vim adquirir os conhecimentos que durante a minha já longa vida me tem orientado para o cumprimento dos deveres que a minha qualidade de sacerdote e de português me impõem; desta Braga que, orgulhando-se, e com razão, das belezas naturais com que a Providência Divina a dotou, dos notáveis monumentos com que a Fé e a Arte dos seus maiores a embelezaram, do seu Bom-Jesus, estância incomparável entre as mais belas de Portugal, do seu Sameiro, jóia de inapreciável valor espiritual e religioso, entre as que constelam este céu de maravilha, que é a Pátria Portuguesa; desta Braga, enfim, que num arranque de verdadeiro patriotismo soube dar-nos o Vintoto de Maio, trazendo à Nação dias de grandeza e de glória, e agora, em assombros de verdadeiro progresso, se propôs assenhorar-se do domínio dos ares, mediante as heroicas realizações dos seus aviadores.

Em segundo lugar foram-me também inspiradas estas palavras pelo grande

desporto INTERNATO ACADÉMICO

A volta a Portugal

A chegada a Guimarães dos ciclistas que concorrem à VII Volta a Portugal, para conclusão da etapa de Chaves - Guimarães, constituiu um acolhimento carinhoso e pleno de entusiasmo. A meta fora colocada no campo de jogos de Bemilhevi, que se achava imoldurado por uma enorme multidão. A's 20 e meia horas, um clarim anunciou o aparecimento dos primeiros corredores que desciam a estrada de Braga. Grande movimento de curiosidade e estrugir de palmas. Era César Luiz que arrancava para a meta, perseguido por Joaquim Fernandes e José Albuquerque. Estrondosas ovações a premiar o esforço dos corredores. Decorridos alguns segundos, outros concorrentes vão chegando, entre os quais se destacava Nicolau que vem magoado. Ao declinar da tarde, regista-se a chegada dos retardatários que, por acidentes ou falta de chance, não conseguiram acompanhar o lote dos homens experimentados.

Na quarta-feira foi dia de descanso para os concorrentes. A' noite, em sua honra, houve concerto de música no Jardim Público, que se achava lindamente engalanado. Nesse momento foram distribuídos os prémios oferecidos pela Câmara Municipal, Junta de Turismo, Associação Comercial e Vitória Sport Club.

Ao acto assistiram representantes da Câmara Municipal, Junta de Turismo, Vitória Sport Club, Associação Comercial e Industrial e outras entidades vimaraneses, além dos dirigentes da Volta, Corredores, Delegados dos Clubs, etc., e o recinto registou numerosa concorrência de pessoas. Foi queimado muito fôgo.

No mesmo dia à tarde e na mata do Mosteiro da Costa, propriedade do estimado capitalista vimaraneses sr. António Leite Castro, gentilmente cedida para tal fim, realizou-se um *pic-nic*, seguido de um pequeno estágio dos corredores. Foi uma festa regional curiosíssima a que os nossos estimados amigos srs. Domingos e José Manuel Leite Castro souberam imprimir muito brilhantismo.

Sabemos que tanto os organizadores da prova como os directores do V. S. C. e ainda os corredores, ficaram sensibilizados com o fidalgo acolhimento que aqueles senhores lhes dispensaram.

Os motoristas de Guimarães tiveram um gesto simpático, digno por isso de registo e de louvor. Nos seus carros e na tarde de quarta-feira, conduziram à Estância da Penha os corredores da VII Volta, a quem ofereceram o magnífico passeio à mais linda Estância de Portugal.

O interessante menino José, filhinho do nosso querido amigo sr. António de Sousa Lima, ofereceu ao corredor Nicolau uma linda recordação de Guimarães.

O serviço de policiamento no dia da Corrida foi primoroso. Parabéns, pois, a P. S. P.

Damos a seguir a relação dos corredores que cortaram a meta de Guimarães, pela respectiva ordem, bem como a nota dos prémios conferidos:

- 1.º — César Luiz, 6 h., 9 m., 16 s.
- 2.º — J. Fernandes, 6,9,20
- 3.º — Albuquerque, m. t.
- 4.º — Ildefonso, 6,9,45
- 5.º — Bartolomeu, m. t.
- 6.º — Filipe de Melo, 6,9,55
- 7.º — Manique, 6,11,03
- 8.º — Nicolau, 6,12,18
- 9.º — Aguiar Martins, 6,12,40
- 10.º — Duarte Faria, 6,13,20
- 11.º — Noé de Almeida, m. t.
- 12.º — Jorge Moreira, m. t.
- 13.º — Túlio Pereira, m. t.
- 14.º — Nunes de Almeida, m. t.
- 15.º — Alves Barbosa, m. t.
- 16.º — Amaral, 6,13,48
- 17.º — Aniceto Bruno, 6,15,12
- 18.º — Balreira, 6,17,45
- 19.º — F. Duarte, 6,17,13
- 20.º — Henrique Ribeiro, 6,21,23
- 21.º — António Oliveira, 6,21,38
- 22.º — Gomes da Silva, 6,23,42
- 23.º — César Pereira, 6,25,15
- 24.º — Sousa Rosário, 6,27,50
- 25.º — Vicente Neto, 6,31,9
- 26.º — António Rosa, 6,33,39
- 27.º — Rodrigues da Silva, m. t.
- 28.º — Santos Coelho, 6,33,50
- 29.º — M. Afonso, 6,49,16
- 30.º — Abílio Gomes, 6,48,46
- 31.º — Joaquim Tomé, 6,58,50
- 31.º — Alfredo Oliveira, 7,17,40.

1.º prémio — César Luiz — 300\$00, oferta da Câmara Municipal; 2.º dito, Joaquim Fernandes, 200\$00, idem; 3.º prémio, Albuquerque, 100\$00, oferta da Junta de Turismo; 4.º dito, Ildefonso, 100\$00, oferta da Associação Comercial e Industrial; 5.º dito, Bartolomeu, 100\$00, oferta do V. S. C.

Os corredores partiram na quinta-feira para a nova etapa Guimarães-Espinho.

Todos retiraram optimamente impressionados pelo acolhimento que Guimarães lhes dispensou.

Anunciai no

«Notícias de Guimarães»

e fareis uma boa propaganda.

anexo ao

Liceu Martins Sarmiento

TELEFONE, 139

TELEFONE, 139

GUIMARÃIS

Instrução

primária,

Secundária,

Cívica

(e)

Religiosa.

no Liceu ins-

talado no mes-

mo edificio.

Matrículas até 15 de Agosto.

Pedir prospectos à Direcção.

A CURA DA LEPROA

E' tão grande o peso do conceito bíblico de que a lepra é uma doença incurável, que ainda hoje, apesar da Ciência proclamar triunfante a sua cura, o povo descrede dessa afirmação.

E' esta descrença que é preciso vencer, custe o que custar, pois é ela que está a entrar a boa luta, o bom e eficaz combate à doença.

Esta descrença parte dos doentes, que se julgam tocados pela irremediável maldição de Deus, e estende-se a suas famílias e até a muitos médicos, que não acompanhando, passo a passo, os constantes progressos da Ciência, têm ainda, a respeito da Lepra, a mesma mentalidade dos velhos mestres, nos tempos, por vezes recuados da sua formatura...

Nos paizes cultos esta mentalidade foi substituída por outra, que tem fé no valor da Ciência, que por sua vez não descansa enquanto não esclarecer por completo alguns pontos obscuros de que esta doença se reveste. O que está já demonstrado, o que é preciso proclamar bem alto é esta verdade irrefutável: — «A lepra cura-se».

Só gritando isto de Norte a Sul de Portugal, se poderá modificar esta mentalidade tacanha do nosso povo. Um leproso é um doente como outro qualquer doente.

Não é um maldito de Deus, não é um homem condenado irremediavelmente aos desdins da sociedade e aos sofrimentos terríveis que caracterizam esta enfermidade, se, sendo superior ao conceito criado pelo fatalismo bíblico, tiver plena confiança na Ciência e se se dispuser a lutar contra a infecção do seu organismo.

Tratam-se sem convicção, sem continuidade, sem uma direcção científica rigorosa, que lhes ministre um medicamento activo, que no mais curto prazo de tempo domine os terríveis efeitos da invasão bacilar, e, por isso, não alcançando os resultados desejados, descrem da cura e quedam-se numa indolência condenável à espera apenas de que a morte venha libertá-los de uma vida que não tem qualquer esperança nem beleza e é simplesmente um fardo pesado e insuportável.

Esta situação precisa de modificar-se, criando no povo, nos doentes e em suas famílias uma esperança nova e mais do que a esperança a certeza de que a doença se pode curar absolutamente.

O tratamento que presentemente está a dar os melhores resultados, proporcionando aos doentes uma cura social dentro de curtos meses é o descoberto pelo sábio leprólogo D. Angel Garcia Abrahante, de Buena Vista, Avenida la. 2 y 3, Marianau, Habana, República de Cuba, e preparado pelo grande leprólogo Dr. Julian Tirso Valdez.

Em Portugal estão alguns doentes em tratamento, sendo surpreendentes as melhoras que tem alcançado, sendo, portanto, de esperar que muitos outros façam a sua aplicação.

Dr. José Maria Geraldês Leite.

BOM CONSELHO

O melhor sortido de calçado de verão, o mais perfeito, durável e mais barato, em lona, com piso de borracha, e em cabedal,

só na

Camisaria Martins.

Calçado Martins.

AGRADECIMENTO

A família do saudoso Francisco Joaquim de Freitas, julga ter agradecido a todas as pessoas amigas que lhe enviaram condolências, mas receando que tenha havido alguma falta involuntária, vem, por este meio, repará-la.

Guimarães, 20 de Agosto de 1938.

(137)

BRASIL

Secção de Procuradoria da Casa Bancária

CUPERTINO DE MIRANDA & C.ª

SÉDE: — Rua Sá da Bandeira, 56 — PORTO

A mais perfeita organização de serviços de administração de bens em todos os Estados do Brasil. Compra e venda de prédios e papéis de crédito; cobranças de alugueis, juros e dividendos; hipotecas, inventários e liquidação de heranças.

Comissões extremamente reduzidas. — Transferências rápidas.

DELEGADOS EM: — Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Porto Alegre, Bahia, Pará, Pernambuco, etc.

(133)

VINDIMAS

MOSTOS VINHOS NOVOS

Senhores Vinicultores

As vindimas estão à porta. Se quereis obter vinhos ricos em alcool, extracto seco, acidez fixa, limpidos, de cor inalterável, livres das doenças da tolda, ou referva, acetia, casse, oleosidade ou gordura, etc., etc.

Desinfectai os mostos no decorrer do esmagamento das uvas, antes da fermentação com

Sanovinus "Eteria",

poderoso desinfectante e grande vitalizador das leveduras e dos mostos vinicos.

(138)

Vende:

RENATO LEMOS

Vila Nova de Famalicão.

Tendo saído errado, por lapso de revisão, o anúncio publicado no nosso último número, voltamos a repeti-lo, devidamente rectificado.

Empreza Textil do Sumes, Limitada

CONVOCAÇÃO

Tornando-se necessário para a vida da Empreza Textil do Sumes, Limitada, sociedade por cotas de responsabilidade limitada com sede na freguesia de S. Jorge de Cima de Selho, deste concelho de Guimarães, o aumento do capital social, é por este meio convocada a assembleia geral da mesma sociedade para o dia 15 de Setembro próximo, pelas 15 horas,

no seu escritório, no lugar do Sumes, da referida freguesia, a fim de deliberar sobre a alteração do respectivo pacto social no sentido indicado, e ainda para deliberar sobre a conveniência de mudança da sede social.

Guimarães, 10 de Agosto de 1938.

Os sócios,

Manuel Ribeiro da Cunha

Bernardino Fernandes Ribeiro da Cunha

(135)

José Fernandes Ribeiro da Cunha.

Acarinhar Guimarães é dever de todos os seus filhos.

Uma iniciativa que honra a Cidade do Porto

A 1.ª Feira Internacional de Amostras do Porto de 1939

Os srs. Engenheiro Mário Borges, Presidente da Associação Industrial Portuense, ostentando a representação do sr. António d'Oliveira Calem, Presidente da Ass. Comercial do Porto, e Raúl de Sousa Ferreira, Presidente da Ass. dos Comerciantes do Porto, como Delegado dos Organismos Económicos e Culturais portuenses, já fizeram chegar às mãos de Sua Excelência o sr. Presidente do Conselho a ilucidativa Representação que a seguir se transcreve:

"Excelência:

A Ass. dos Comerciantes do Porto em sua sessão de 7 de Dezembro de 1937, perfilhou a ideia sugerida pelo "Jornal do Comércio e das Colónias", decaio da imprensa portuguesa, quanto à realização da "1.ª Feira Internacional de Amostras do Porto em 1939", e nomeou uma Comissão de Estudos Preparatórios, tendo esta elaborado um Relatório que foi largamente apreciado na Reunião Plenária que os Organismos e Culturais portuenses efectuaram na sede da aludida Associação em 24 de Fevereiro de 1938.

Em 9 de Março de 1938, na 2.ª Reunião Plenária dos referidos Organismos (Ass. Comercial do Porto, Ass. Industrial Portuense, Centro Comercial do Porto, Ass. dos Comerciantes do Porto, Liga Agrária do Norte, Movimento Pró-Colónias, Ass. dos Amadores Marítimos e Agentes de Navegação do Porto e Leixões, Câmara Sindical dos Agentes e Importadores de Automóveis, Ateneu Comercial do Porto e Club Fenianos Portuenses), nomearam-se as Comissões Organizadora e Executiva e escolheram-se três membros desta última que foram incumbidos de completar os trabalhos e elaborar o Plano de Organização material da "Feira Internacional de Amostras do Porto", para ser realizado com a sensação de V. Ex.ª sem a qual entendem os abaixo-assinados não deverem, nem poderiam, levar a efeito uma empresa de tão grande importância para o bom nome e para a economia da Nação.

Em 4 de Maio de 1938, na 3.ª Reunião Plenária, foi apreciado o referido Plano de Organização material da "Feira Internacional de Amostras do Porto", que, respeitando as indicações de todos os Organismos que subscrevem esta Representação, já se encontra aprovado e poderá ser submetido à apreciação de V. Ex.ª se assim nos for determinado.

Estudaram-se os documentos (Estatutos, Regulamentos, Relatórios, Folhetos de publicidade, etc.) referentes às grandes Feiras de Amostras Europeias, procurando fazer, tanto quanto possível, um trabalho de adaptação às condições especiais do nosso País.

Em face dos estudos já realizados, parece-nos poder afirmar que o Porto, desde que não lhe falte o apoio moral e material que ao Governo da Nação sempre têm merecido as iniciativas de acentuada utilidade pública, poderá realizar com êxito, anualmente, a sua Feira Internacional de Amostras, empreendimento que tem sensivelmente beneficiado a economia de inúmeros países.

Com efeito, as Feiras Internacionais de Amostras são as intermediárias entre os Estados, desenvolvendo a mecânica da vida mercantil. — Assim se explica que elas, mais do que qualquer outra instituição, nos auxiliem a compreender e apreciar os acontecimentos que se desenrolam nos mercados internacionais.

Uma Feira de Amostras é, essencialmente, o processo menos sofisticado de se aquilatar do ritmo do progresso das actividades económicas dum país e de se fazer a propaganda dos seus produtos.

O produtor, o comerciante e o consumidor, através dela, entram em contacto directo com notável benefício para todos. — Estimulo para o desenvolvimento do Comércio, quer regional, quer nacional, quer internacional, a Feira de Amostras representa a justiça por isso, se mais não houvesse a justificá-la, um dos mais úteis meios de aquisição do bem estar económico das populações.

Sem desprimor para qualquer cidade portuguesa, pode-se afirmar que o Porto, pela importância das suas indústrias, algumas quase exclusivas do Norte do país, pela sua situação geográfica e, ainda, pelos elevados intuitos patrióticos que orientam todos os seus gestos colectivos, reúne em si condições especiais para realizar anualmente a sua Feira Internacional de Amostras.

E assim, confiam os abaixo-assinados, Representantes das actividades económicas e culturais portuenses, que o Governo da Presidência de V. Ex.ª se dignará reconhecer a utilidade dos trabalhos já realizados e indicar quaisquer alterações que, porventura, entenda necessárias à sua equitabilidade. Com os mais respeitosos cumprimentos e sinceras saudações

A Bem da Nação.

Pela Ass. Comercial do Porto — a) António d'Oliveira Calem, presidente
Pela Ass. Industrial Portuense — a) Mário Borges, presidente
Pelo Centro Comercial do Porto — a) A. Cupertino de Miranda, presidente
Pela Ass. dos Comerc. do Porto — a) Raúl de Sousa Ferreira, presidente
Pela Liga Agrária do Norte — a) Si-

NOTÍCIAS

EDIPISTA

«Notícias de Guimarães» inicia hoje uma nova secção intitulada «Notícias de Edipista», a qual terá como orientador o nosso amigo sr. Joaquim Garcia (Lusbel) — um novo já bastante conhecido no meio charadístico pelo muito aproveitamento que tem revelado na educativa Arte de Edipo.

Para abertura da aludida secção, inserimos abaixo um interessante artigo da autoria do ilustre director da «Tertúlia Edípica», de Lisboa, sr. João Francisco Lopes (Jofralo) que gentilmente aceitou ao convite que para tal lhe foi dirigido.

Os nossos leitores — aqueles que tiverem disposição para o fazer — encontrarão pois, doravante, nas colunas do «Notícias de Guimarães» mais uma útil e educativa secção, que será ao mesmo tempo um interessante passatempo.

A Redacção.

Convidado gentilmente a escrever algumas linhas sobre a secção hoje inaugurada, desempenho-me gostosamente desse encargo.

Regosio-me por ver mais uma secção a lutar pela propaganda do charadismo. Bem haja o «Notícias de Guimarães» pelo acolhimento dispensado.

O charadismo está ainda mal compreendido entre nós, e são inúmeras as pessoas que desconhecem as vantagens deste utilíssimo passatempo. Fazer charadas é adquirir conhecimentos variadíssimos, desenvolver o gosto pelos livros, aprender melhor a sua língua...

A decifração de charadas constitui, igualmente, uma útil e agradável distracção. Uma das maiores vantagens deste passatempo é a ginástica mental a que o charadista se habitua, além da maior facilidade de compreensão e de raciocínio, a consulta frequente de dicionários — onde a cada momento se aprende qualquer coisa útil da nossa língua, ou se corrigem erros a que estavam habituados — o gosto pelo estudo, pelo remanso caseiro... e inúmeros benefícios.

Assim se explica que o charadismo esteja divulgado em quasi todos os países, onde encontra ambiente favorável.

Em Itália, por exemplo, já se realizaram inúmeros congressos charadísticos. No Brasil, Argentina, Uruguai, e por toda a parte, muitos jornais publicam secções dedicadas a este passatempo.

Em Portugal, apesar duma errada opinião pública sobre o charadismo, tem havido e há ainda hoje centenas de charadistas, algumas colectividades e até dois periódicos dedicados exclusivamente a charadas, além de muitas secções em jornais e revistas de todo o país.

Espero que os leitores do «Notícias de Guimarães» levem a sua amabilidade ao ponto de lerem regularmente esta secção e de se interessarem por ela, correspondendo, assim, à ideia que a norteou, e que dentro em breve sejam às dezenas os seus colaboradores.

Aproveito esta oportunidade para saudar o director da nova secção, charadista da nova escola a quem não falta vontade e entusiasmo, e aos directores e leitores do «Notícias de Guimarães».

Lisboa, 30 de Julho de 1938.

Jofralo.

(Da «Tertúlia Edípica».)

CHARADISMO

Esperamos que entre os nossos leitores alguns apareçam que desejem apresentar-nos charadas de qualquer das espécies.

Aos futuros colaboradores pedimos que tenham em conta as condições seguintes:

- 1) Charadas de todas as espécies mas muito fáceis e de fácil verificação.
 - 2) Não publicamos figurados.
- No próximo número publicaremos algumas charadas e também algumas indicações sobre a sua composição e decifração.

meio Pinto de Mesquita, Vice-presidente

Pela Ass. dos Armadores Marítimos e Agentes de Navegação do Porto e Leixões — a) Eduardo Romero, presidente

Pela Câmara Sindical dos Agentes e Importadores de Automóveis — a) Lopes Cardoso, presidente

Pelo Ateneu Comercial do Porto — a) José Gonçalves Pinto Moreira, director

Pelo Club Fenianos Portuenses — a) Domingos Ferreira, presidente.

Lê e propaga o «Notícias de Guimarães»